I SEMINÁRIO INTERNACIONAL
VII SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO
IX SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA
17 a 20 setembro 2025
Políticas Públicas Educacionais no contexto da América Latina: desafios, resistências e perspectivas
Departamento de Educação DEDC-CAMPUS XII Guanambi
UNEB UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
NUPE Núcleo de Pesquisa e Extensão
PPGEduF Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Docente

INSUBMISSAS VOZES NEGRAS: A POESIA SLAM COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA NAS ESCOLAS

Eriskarine Barbosa do Nascimento
Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal, Guanambi, BA, Brasil
eriskarine@edu.guanambi.ba.gov.br

FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES(AS) PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA, ÉTNICO-RACIAL, INTERCULTURAL, DECOLONIAL, ANTIRRACISTA, FEMINISTA E AMBIENTAL NO CONTEXTO DA AMÉRICA LATINA

Resumo

O texto também apresenta o *poetry slam* como um movimento literário e cultural que usa a poesia falada para promover a linguagem de libertação e dar voz a pautas como feminismo, sexismo e racismo. A participação de mulheres negras nesse movimento é vista como uma ação transformadora, que ressignifica a linguagem popular utilizada pela população marginalizada como reflexo de uma poesia decolonial. Assim, o *slam* pode ser usado como uma prática pedagógica em sala de aula. Ele serve como ferramenta para o letramento literário e étnico-racial, pois estimula a criatividade, a leitura, a escrita e a expressão dos alunos, permitindo que eles debatam temas relevantes e compartilhem suas experiências.

Palavras-chave: *Poetry Slam*; letramento étnico-racial; educação; feminismo negro; tecnologia digital.

1 Introdução

É possível afirmar que o percurso entre os direitos das mulheres e as lutas pela equidade está entrelaçada com a história da mídia alternativa. Assim, as mulheres não só apostaram no discurso combativo como também assumiram o papel de mobilizadoras em defesa de seus direitos em busca das conquistas sociais. Hodiernamente, nota-se que distintos grupos utilizam majoritariamente os veículos alternativos de comunicação *on-lines*, principalmente, as redes sociais, que atuam como contrainformação, abarcando as ideias que não são divulgadas nas grandes mídias, apresentando dessa forma, não só a visão dos grupos "minorizados", mas também a promoção de debates acerca de pautas marginalizadas.

Sob esse viés, ressalta-se que foi por meio da ação organizada do movimento feminista que diversas reivindicações foram atendidas, no momento da redemocratização do país (80-90).

Nesse sentido, interessa observar a importância das redes sociais na atuação da divulgação dos feminismos, em especial, "o feminismo-negro", o qual tensiona há anos, principalmente, no campo educacional a fim do rompimento epistêmico, ou seja, a negação ontológica e a desqualificação vivida pela população negra silenciada por meio do colonialismo e de cânones orientados pelo eurocentrismo (Carneiro, 2005). Ao pensar sobre as vozes dentro do contexto acadêmico, Grada Kilomba (2019, p. 51) afirma:

> Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se 'especialistas' em nossa cultura, e mesmo em nós.

Assim, o *poetry slam* ou *slam*, uma competição de poesia falada regulada por um conjunto de regras específicas, na qual poetas se apresentam em até três minutos, sem adereço cênico ou acompanhamento musical, e um júri formado por cinco pessoas escolhidas em meio ao público decide, por votação, qual é a melhor performance (D'Alva, 2014). Essa competição é um movimento literário contemporâneo surge como propagador da linguagem de libertação. Esse movimento surgiu nos Estados Unidos em 1980; no Brasil, ele é recente; contudo, está crescendo no país.

Nesse contexto, o objeto desse estudo é o mostrar como o poema *slam* pode contribuir na sala de aula, enquanto prática pedagógica, já que utiliza a poesia falada para estimular a criatividade, a expressão, a leitura e a escrita dos alunos, especialmente jovens e adolescentes. Essa modalidade artística pode ser incorporada como ferramenta de letramento literário e letramento étnico-racial, promovendo o debate sobre temas relevantes e permitindo que os estudantes se expressem sobre suas experiências cotidianas e sentimentos de forma performática.

2 Referencial teórico

A desigualdade advinda de um sistema colonial que desvaloriza a cultura, a educação transforma as mulheres em coadjuvantes precisa ser evidenciada, pois se perpetuar esse sistema excludente os grupos marginalizando ou minorizados continuarão sendo silenciados e coadjuvantes nos atos comunicativos. Sob esse viés, o movimento feminino negro nos convida a entrever janelas para que possamos reorientar os nossos sentidos a respeito da colonialidade.

Os textos desses autores silenciados mostram por meio da escrevivência[1] metáforas utilizadas para evidenciar a presença do racismo estigmatizado na sociedade. Dessa forma, a tessitura negra literária descreve ambiente, situações e interações dos personagens, a fim contrapor as construções negativas feitas da mulher negra ao longo dos anos, seja nos livros, seja nas mídias. Outrossim, os textos de autoria negra também denunciam os problemas sociais e existenciais do povo negro, como o racismo em uma estrutura de origem histórica colonialista.

Para Dreves, *apud* hooks (1995), existe uma construção negativa sobre os corpos das mulheres negras desde o período escravista e contemporâneo como mercadorias:

> [...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas 'só corpo, sem mente', como incubadoras para a geração de outros escravos" (Dreves, *apud* Hooks, 1995, p. 469). Desse modo, pode-se perceber que, como Davis, Lélia Gonzalez problematiza no Brasil a categoria gênero ressaltando as relações de poder como determinantes para representação negativa da mulher negra — tão presentes na grande mídia e na escrita literária — e que criam automaticamente o imaginário da mulher negra "mulata", "amante", "empregada doméstica" e tantas outras derivações impostas pelo que entendemos hoje como estigma da mukama (Gonzalez, 1985, 2008).

Para contrapor essa realidade, os movimentos de luta e resistência ao longo de décadas questionam a supremacia dos autores considerados canônicos, cuja maioria, brancos e homens perpetuaram o imaginário literário de representações estereotipadas do povo negro, sendo reproduzida também no ambiente escolar. Assim, a fim de dar voz aqueles (as) que por muito tempo foram coadjuvantes na formação da sociedade brasileira, o movimento negro vem rompendo e confrontando o silenciamento epistemológico imposto por tantas décadas aos corpos negros pelo colonialismo.

É nesta perspectiva que surgem os movimentos das mulheres negras e sua afirmação, enquanto sujeito político, as quais passaram a utilizar "seu lugar de fala[2]" a fim de tornarem

[1]Termo cunhado por Conceição Evaristo para relatar a vivência coletiva e experiências étnicas e de gênero vivenciada pela população negra.

Segundo Rosane Borges, pós-doutora em ciência da comunicação e professora do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da USP, do ponto de vista da legitimidade, do discurso e da fala, quem sofre na própria pele pode falar por si. A reivindicação do sujeito historicamente discriminado pelos dispositivos de fala passa por aí. O lugar de fala pressupõe uma postura ética. Portanto, você sendo homem ou hetero e não negro, você pode, do seu lugar de fala, falar sobre negros, mulheres, população trans, ou seja, todas as outras minorias.

protagonistas das suas lutas, tendo em vista que elas têm a legitimidade para abordarem a equidade do gênero e contrapor o silenciamento da voz socialmente minoritária imposta pelos grupos privilegiados. Como corrobora o pensamento de Lélia Gonzalez, "a tomada de consciência da opressão ocorre, antes de tudo, pelo racial".

Essa tessitura de resistência decolonial e de comprometimento político desafiador em prol da produção de outros discursos assemelha com o pensamento de Michel Foucault em Arqueologia do Saber (1997), a respeito das rupturas e das descontinuidades presentes na sociedade: "a história do pensamento, dos conhecimentos, da filosofia, da literatura, parece multiplicar as rupturas e buscar todas as perturbações da continuidade [...]" (Foucault, 1997, p. 6). Assim, essa noção de descontinuidade apresentada por Foucault aponta que nos textos de autoria negra faz-se a necessidade de repensar o perigo da história única, proposta pelo cânone.

3 Metodologia

A metodologia apresentada no texto é baseada em revisão bibliográfica e objetiva mostrar como o poema *slam* pode ser usado como uma prática pedagógica em sala de aula. Essa modalidade de poema contribui para a expressão e a criatividade de jovens e adolescentes como uma ferramenta de letramento literário e étnico-racial, bem como a promoção do debate sobre temas sociais relevantes e interseccionalizados como feminismo, racismo e classe social.

4 Resultados e discussão

O feminismo negro aliado ao uso da tecnologia digital difunde as lutas em prol do engajamento por direitos mais justos e para o empoderamento feminino. Assim, esse recurso como ferramenta pedagógica vem sendo utilizados por mulheres, como a poeta, professora da Universidade de Brasília (UNB), pesquisadora e *slammer* de Samambaia (DF) Meimei Bastos, que traz consigo um movimento de combate às construções pré-estabelecidas ao longo da história.

A *slammer* elenca um modo de compreender a realidade que deriva das vivências e percepções individuais, principalmente, dos moradores segregados socialmente nas favelas. Assim, Meimei destrincha de forma interseccionalizada a sua voz, pois ela entende que a linguagem é libertação e ao conhecer os termos que ela desconhecia na infância, a autora está nomeando aquilo que ainda não tem nome, como fez o autor Franz Fanon, ao escrever a obra "Pele negra, máscaras brancas" (2008), consciente de que a libertação se dá pela linguagem, ele toma posse da linguagem e afirma irritado: "há imbecis demais neste mundo". Dessa forma, o trabalho da libertação exige uma nova linguagem. Assumir uma linguagem própria como o "*poema slam*" é assumir novas formas de confrontar sistemas.

Meimei Bastos traz no poema "Bastou meu CEP", a escrita da resistência, dos invisibilizados do contexto social e da literatura. Ela lança, por meio da força de suas palavras, a realidade vivida por uma mulher que aprendeu, antes mesmo de conhecer a leitura, o que seria o feminismo e a cultura patriarcal, ela mostra a "escrita da pele" e visibiliza a dor, uma vez que a escrita é sem fronteiras.

"Bastou o meu CEP

minto! meu CPF
não! meu RG,
minha certidão de nascimento!
NÃO! Eu só tô falando de documento!
num é isso que eu queria dizer
é que ...
BASTOU EU NASCER!
ISSO!...
...Eu num li Beauvoir,
fiz foi presenciar a covarde
"superioridade" masculina
nos roxos de minha mãe.
Foi daí que eu me inventei feminista,
sem nem saber,
que toda vez que me punha na frente
pra ele num bater
pra defender
com pouco mais de quatro anos
eu já lutava
contra o que tempos depois
iria conhecer pelo nome machismo.
Eu num li foi nada!
fiz foi viver!..."

5 Conclusão

O trabalho demonstra que o *poetry slam* é mais do que uma forma de arte performática; ele é uma ferramenta pedagógica poderosa e transformadora, um instrumento eficaz para promover o letramento literário e o letramento étnico-racial. A prática do *slam* vai além do ensino tradicional de literatura. Ela incentiva os alunos a se expressarem, a debaterem temas sociais relevantes e a reconhecerem a importância de suas próprias vozes e experiências. Assim,

contribui para a formação de um pensamento crítico e cidadão, que questiona os cânones e as narrativas dominantes.

Dessa forma, a inserção do *slam* no ambiente educacional não só enriquece o processo de aprendizagem, mas também atua como um impulsionador para a equidade e a justiça social. Ele dá espaço para que os estudantes se tornem agentes de mudança, usando a linguagem não apenas para comunicar, mas também para transformar a realidade vivenciada por uma população que sempre esteve à margem da sociedade.

REFERÊNCIAS

DREVES, Aleta. **Redes Sociais e Feminismo Tecendo uma Experiência Acreana,** 2016. Disponível em: portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2178-1.pdf. Acesso em: 20 ago. 2018.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GONZÁLEZ, L. **O papel da mulher negra na sociedade brasileira**: uma abordagem político-econômica. Los Angeles, 1979.

GONZÁLEZ, L. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje** - ANPOCS, São Paulo, 1982.

HOOKS, Bell. Educação feminista para uma consciência crítica. *In*: HOOKS, Bell**. O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução: Ana Luiz Libânio. 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.